

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O percurso de Lucio Costa em Diamantina

Luana Espig Regiani

Doutoranda em História – IFCH UNICAMP

luanaregiani@gmail.com

Introdução

Lucio Costa é um dos expoentes intelectuais brasileiros do século XX. O arquiteto nasceu em 1902 e morou na Europa até os 14 anos. A chegada ao Brasil é descrita como “uma revelação”. Do desembarque no Rio de Janeiro destaca “as montanhas diferentes, a mata, o casarão, o céu perto, o mar [...] espetáculo de prender a respiração” (COSTA, 1997, p.371).

O jovem cursou a Escola Nacional de Belas Artes e, como estudante de arquitetura, foi enviado para Diamantina em 1924 em uma viagem que seria uma constante referência em sua trajetória. Costa descreve o deslumbramento provocado pela cidade mineira com a mesma palavra que havia usado para as terras cariocas: “Lá chegando, caí em cheio no passado no seu sentido mais despojado, mais puro; um passado de verdade, que eu ignorava, um passado que era novo em folha pra mim. Foi uma *revelação* [...]” (COSTA, 1997, p.27).

No começo profissional, Costa foi partidário do movimento neocolonial, para em seguida negá-lo e se tornar, durante as décadas seguintes, “o responsável pela produção e difusão pública de enunciados que deram sustentação” e que tornaram possível “o extraordinário sucesso de uma certa ‘arquitetura moderna brasileira’” (LEONIDIO, 2007, p.15). Tamanha responsabilidade atribuída ao arquiteto se deve à atuação multidisciplinar que permeava seus projetos, escritos e atividades públicas e políticas, em grande parte relacionadas a sua participação no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como funcionário atuante em despachos, pareceres e intervenções.

Pretende-se evidenciar, no arco de sua trajetória, como Costa afirmou a cidade de Diamantina como elemento fundante tanto do seu conhecimento sobre a herança material do país, da necessidade de protegê-la, quanto da pretensão de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ressignificá-la como umas das bases da singularidade arquitetônica moderna brasileira. Se a cidade foi a descoberta do que, para ele, era o autêntico passado brasileiro, também é citada pelo arquiteto como um dos antecedentes da nova capital federal, para a qual projetou o plano piloto após vencer o concurso em 1957. De Diamantina a Brasília, ao traçar um fio condutor entre a origem e o futuro da arquitetura nacional, onde a sua história também é um símbolo, Lucio Costa se insere no projeto de constituição ideológico-cultural do país em curso entre as décadas de 1930-1950.

Lucio Costa em Diamantina

Em Diamantina, Lucio Costa elaborou uma série de desenhos (Figuras 1 e 2). Na maioria deles, seus traços evocavam detalhes construtivos: fechaduras, balaústres, portas, janelas, púlpitos e beirais, além de aquarelas que mostram representações da perspectiva interna da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, da externa do passadiço do antigo Colégio Nossa Senhora das Dores e de uma via, possivelmente o Beco da Tecla¹. Detalhes “convenientemente documentados” para ajudar a “definir a nossa arquitetura” (COSTA, 1924), cumprindo o intuito do convite de José Mariano Filho para que Lucio Costa fosse à cidade.

¹ O desenho aparece na reportagem do Jornal A Noite com a legenda: “uma das ruas mais interessantes de Diamantina, conservando em quase todos os seus aspectos a feição hispano-árabe”. Pela descrição e pela imagem, acredita-se ser o Beco da Tecla. Em 1943, Mariano usará a perspectiva para ilustrar seu texto. Cf. COSTA, Lucio. Considerações sobre o nosso gosto e estilo. A Noite, Rio de Janeiro, 18 jun. 1924; MARIANO FILHO, José. Influências muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1943, p.67.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

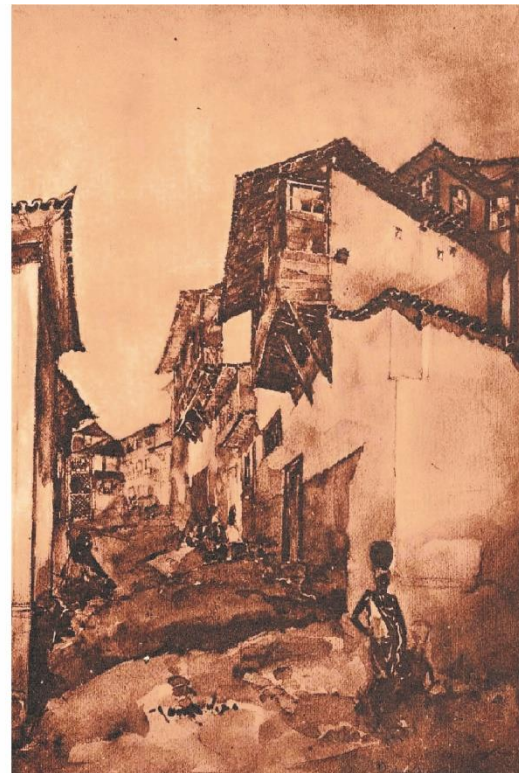
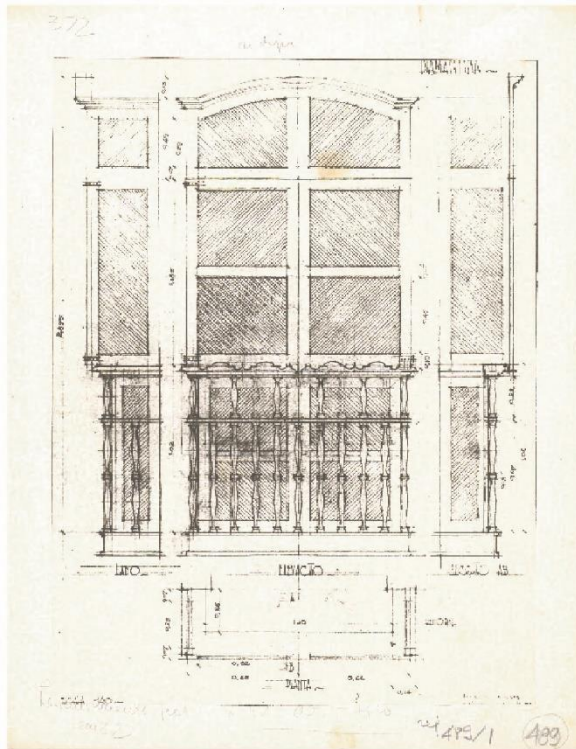


Figura 1: (à direita): Beco da Tecla, autor Lucio Costa, 1924. Fonte: Mariano Filho, 1947, p. 67

Figura 2: (à esquerda): Muxarabi da Rua da Quitanda, autor Lucio Costa, 1924. Fonte: Acervo Casa de Lucio Costa

Mariano, recifense radicado no Rio de Janeiro, fazia parte da corrente carioca de personalidades que era partidária do neocolonial. A arquitetura era um tema caro ao médico que, como presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, financiou as excursões que fomentaram argumentos e imagens em prol do uso do vocabulário colonial como meio de expressar, de modo preciso, o que seria o tão buscado estilo nacional. Com este objetivo, Mariano convidou profissionais de sua estima para visitarem as cidades mineiras. A Lucio Costa coube a última cidade do sentido Rio de Janeiro-Minas Gerais da antiga Estrada Real: “Eu era o mais novo, então, me mandaram para mais longe” (COSTA, 2010, p.215).

O que se buscava nas excursões era principalmente a produção do século XVII e XVIII. Diamantina, nesse período, seguiu uma lógica de formação diferente das demais cidades mineiras que desenvolviam o povoamento ao longo dos caminhos da mineração. A exceção do antigo Arraial do Tijuco, além da descoberta do diamante no início da década de 1720, foi a adoção de uma solução quadrangular e concentrada. O Arraial, por fim, se tornou Vila em 1831 e, em 1838, passou a ser cidade de Diamantina.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Apesar do progresso com que iniciou o século XIX, as atividades de produção de diamante diminuíram.² A cidade buscou alternativas na indústria e no comércio e, estando na entrada do sertão, funcionou como o “grande empório do Norte”. Além da questão comercial, Diamantina também se afirmou como local de alto poder episcopal após a instalação do Bispado em 1854 e de referência na educação regional, com o Colégio Nossa Senhora das Dores e o Seminário Sagrado Coração de Jesus.

A movimentação do distrito não impedia que a distância que se encontrava dos grandes centros fosse sentida. Desse isolamento, vem o retrato formal que se cristaliza no tempo até o início do século XX. Diamantina recebeu tardiamente os traços da modernidade: a iluminação elétrica chegou em 1910, a linha de trem em 1914. Lucio Costa, encontra a imagem de Diamantina com o conjunto colonial preservado e emoldurado pela Serra dos Cristais.

Sua visão inicial da cidade é conhecida através de suas palavras:

A janela do meu quarto, no Hotel Roberto, dava para a rua [...] Um piano distante tocava quando desci e me pus a caminhar pelas capistranas, trilha de lajes maiores no meio das ruas empedradas: no alto de uma ladeira os dois sobrados do colégio de freiras, um ainda setecentista, o outro já do Império, ligados por um elegante passadiço; no largo fronteiro a uma igreja o típico cruzeiro de madeira guarnecido dos símbolos do martírio, com uma figueira enroscada, nascida do seu pé. Depois a fachada da casa de Chica da Silva, a famosa amante do contratador, resguardada por extenso muxarabi, e, defronte, a capela do Carmo, construída para ela [...] (COSTA, 1997, p.27)

O texto sugere pontos percorridos pelo arquiteto em extremos do perímetro que mais tarde seria tombado pelo SPHAN (Figura 3). Foi percorrendo as ruas de Diamantina que Lucio Costa encontrou os vestígios arcaicos da arquitetura brasileira que ansiava descobrir. Em uma carta enviada pela sua irmã é possível perceber, além da face jovem do arquiteto, as expectativas anunciadas:

² O ciclo do diamante durou até cerca de 1870, quando a entrada do diamante sul-africano no mercado internacional provocou a baixa nos preços. Cf. MARTINS, Marcos Lobato. Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX). Belo Horizonte: Fino Traço, 2014; FURTADO, Júnia Ferreira. O livro da capa verde: o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no Distrito Diamantino no período da Real Extração. São Paulo, SP: Annablume, 1996.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As manhãs de Diamantina já te foram apresentadas ou só conheces meio dia em diante? O sol é redondo? Frio, quente? A lua é igual a daqui? Ou é feia, antiga, colonial ou bangalosa? [...] Lucio já vistes tijolos azuis, portões em ruínas, casas demolidas, já encontrastes os fósseis de arquitetura antediluviano?³

No último dia de sua viagem em 1924, Lucio Costa escreve no verso do recibo do hotel: “Como é triste partir. Partir *est mourir um peu*... Adeus Diamantina...”⁴. O arquiteto fala sobre o passeio final, quando caminha pela cidade e vê o entardecer da torre da igreja do Carmo.

Foi também no ano que visita Diamantina que, não por acaso, iniciou um traço que o distinguiria: suas ideias são divulgadas através de textos, sendo que uma de suas primeiras entrevistas publicadas tem como argumento a viagem de estudos recém-realizada⁵. “Considerações sobre o nosso gosto e estilo” foi divulgada no jornal *A noite* em 18 de junho de 1924 e anuncia a cidade como símbolo do início de uma mudança de postura, trazendo à luz questões que serão elaboradas nos anos seguintes.⁶

Tudo em arquitetura deve ter uma razão de ser, exercer uma função, seja ela qual for. [...] Não é preciso que exista a preocupação de se fazer um estilo nacional. [...] Basta que cada arquiteto e cada proprietário tenha sinceramente o desejo de fazer uma obra que preencha da melhor maneira possível os fins a que se destina. [...] Sejamos simples. Sejamos sinceros. (COSTA, 1924)

³ COSTA, Magda Ribeiro da. Carta para Lucio Costa. Diamantina, 1924. Acervo Casa de Lucio Costa: VLA.02-01397. Disponível em: < <http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/17282883>>. Acesso em: 16 jun 2018.

⁴ COSTA, Lucio. Verso do recibo do Hotel Roberto. Diamantina, 1924. Acervo Casa de Lucio Costa. Disponível em: <<http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/2888>>. Acesso em: 15 maio 2017.

⁵ Cf. COSTA, Lucio. Considerações sobre o nosso gosto e estilo. *A Noite*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1924.

⁶ Como comenta Guilherme Wisnik: “A viagem a Diamantina, no entanto, ocorrida no mesmo ano, parece desiludi-lo quanto à legitimidade do neocolonial. É claro que não se trata ainda de sua “conversão” ao modernismo, mas surgem aí duras constatações em relação à prática neocolonial.” In: WISNIK, Guilherme. *Plástica e anonimato: modernidade e tradição em Lucio Costa e Mário de Andrade*. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2007, n.79, pp.169-193.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ressalta-se também a importância que a experiência *in loco* representou, onde as impressões, registradas em textos ou graficamente fazem com que Costa “reveja suas teses, afirmando ideias e negando princípios, em busca das bases que o levarão a um desempenho profissional dinâmico e dialético” (GUIMARAES, 1996, p. 37).

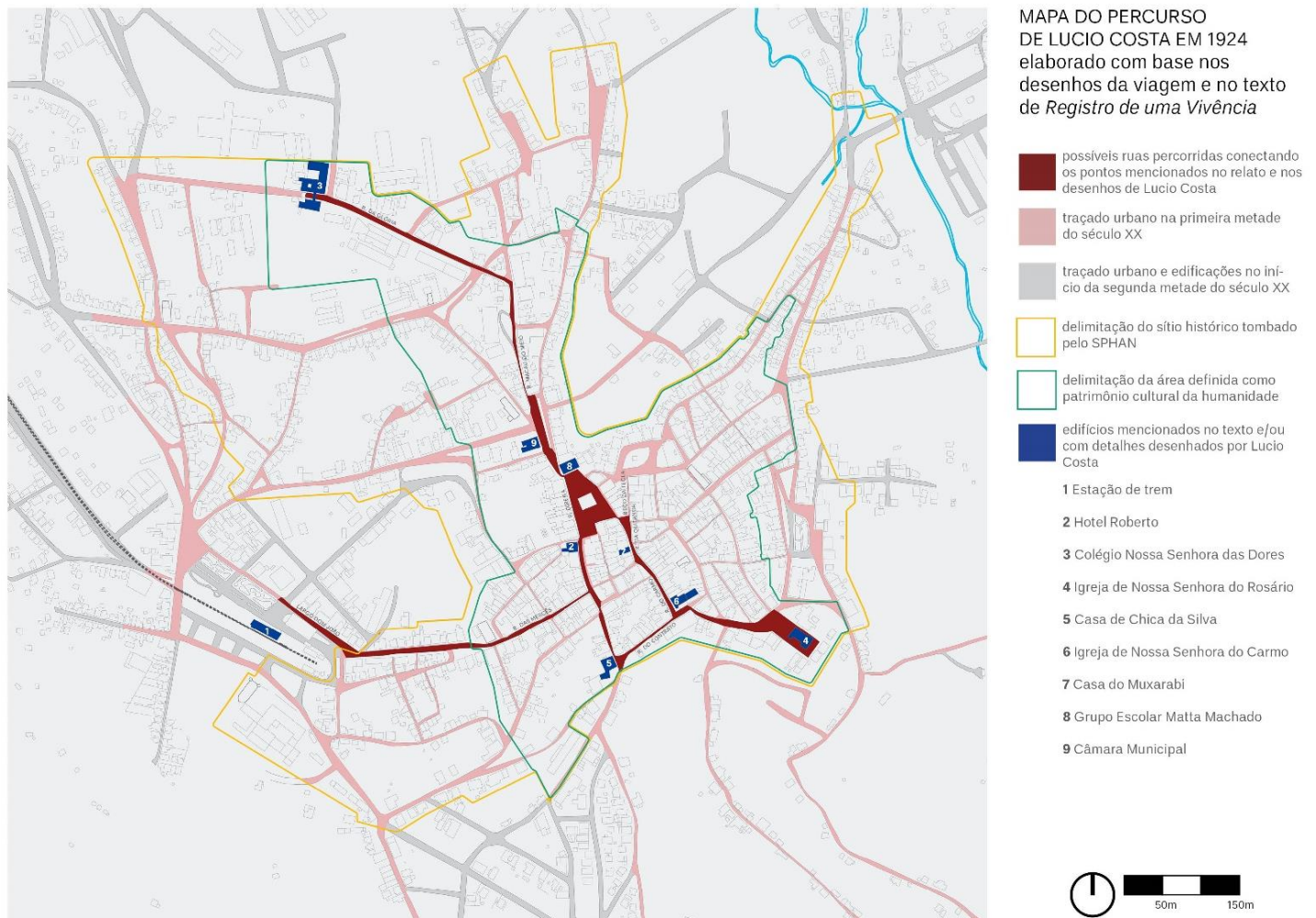


Figura 3: Mapa do Percurso de Lucio Costa em 1924.

Elaborado com base nos relatos de Lucio Costa em *Registro de uma Vivência* e nos desenhos realizados na viagem em 1924. Na legenda, os edifícios foram nomeados de acordo com a função que ocupavam na época. Hoje, a Câmara Municipal (9) é o fórum da cidade. O Grupo Escolar Matta Machado (8) era, entre os séculos XVIII e XIX, a Casa de Intendência. No século XX e até recentemente foi a prefeitura, sendo que hoje continua a abrigar órgãos administrativos. A Casa do Muxarabi (7) é a Biblioteca Antonio Torres. Na Casa de Chica da Silva (5), funciona a sede do escritório técnico do Iphan em Diamantina. Já o colégio Nossa Senhora das Dores (3) pertence a UFMG e abriga o Instituto Casa da Glória. Na primeira sede do Hotel Roberto (2) funcionam lojas comerciais. A antiga Estação de Trem (1) é a Sede do Corpo de Bombeiros.

Fonte: REGIANI, 2019, p.35.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Lucio Costa após 1924

Diamantina permanece na base dos diversos fatos que culminaram com o rompimento com o neocolonial, a subscrição do arquiteto às premissas do movimento moderno e com a reforma do ensino na Escola de Belas-Artes como seu diretor no início dos anos 1930. Em 1934, Lucio Costa escreveu o texto seminal “Razões da Nova Arquitetura”, afirmando que “[...] o velho espírito – transfigurado – descobre na mesma natureza e nas verdades de sempre, encanto imprevisito [...]” e que assim “mais um horizonte então surge, claro, na caminhada sem fim” (COSTA, 1997, p. 108). No exercício como arquiteto, são realizados poucos anos depois de *Razões* os emblemáticos projetos do Ministério da Educação e Saúde e do Pavilhão do Brasil em Nova York ao mesmo tempo que é fundado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com uma participação ativa de Costa.

Ao estar no meio dos debates da arquitetura das vanguardas, Diamantina também está no contexto das discussões do SPHAN, instituição onde Lucio exerceu um papel intelectual e polivalente, “elegue o que tomba, como cuidar da obra tombada e como explicar e situar a obra tombada” (RUBINO, 2002, p.9). É notório que o conjunto arquitetônico e urbanístico do antigo Arraial do Tijuco foi tombado já em 1938 e faz parte das primeiras inscrições nos Livros de Tombo do SPHAN.⁷

Costa retorna a Diamantina em 1937 junto com Rodrigo Melo Franco de Andrade, Epaminondas Macedo e o restante da comissão responsável pelo tombamento⁸. Em seguida a viagem, figurou entre os responsáveis que determinaram como se daria a atuação do SPHAN na cidade. Em nota enviada a Epaminondas Macedo, o arquiteto elenca pontos a serem observados pelo engenheiro ao realizar o levantamento, entre os itens ressaltados estão as igrejas, o mercado, a casa de Chica da Silva, o chafariz de 1787, o Colégio das Freiras, a Casa de Muxarabiê e a Casa Kubitschek⁹. Cerca de dez anos depois, o jornal *Voz de Diamantina*, ao falar sobre as

⁷ Diamantina foi tombada em 16 de maio de 1938, processo nº 64-T-38, inscrição nº 66, constando do Livro de Belas Artes, v. 1, p. 12.

⁸ HORTA, Armando Alves. Carta aberta ao Prefeito de Diamantina. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 14 out. 1973.

⁹ COSTA, Lucio. Indicações do Dr. Lucio Costa para a inspeção a ser realizada em Diamantina pelo Dr. Epaminondas Macedo, sem data, Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. In: Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro – Série Inventário. MG Pasta 3, Cx. 25.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

benfeitorias do órgão de preservação do patrimônio na cidade, cita praticamente os mesmos pontos relacionados por Lucio Costa¹⁰.

Costa também participou da orientação para a excursão de Erich Hess. Hess foi um dos primeiros colaboradores fotógrafo do SPHAN e sua viagem inaugural a serviço do Patrimônio foi para Diamantina em 1938: “[...] gosto de recordar que, das instruções que recebi para a tarefa, constavam desenhos do punho do Mestre Lucio Costa, onde se especificavam detalhes de monumentos ou obras de arte que deviam ser fotografados minuciosa e especialmente.” (HESS apud GRIECO, 2013, p. 40)

Nesse ponto, os arquivos do SPHAN ganham protagonismo à medida que são evidenciados os diversos períodos de atuação de Lucio Costa em Diamantina: do tombamento até as polêmicas quanto a necessidade de novas edificações públicas dentro do tecido histórico nos anos 1950.

Juscelino Kubitschek foi eleito governador de Minas Gerais em 1951. Kubitschek era diamantinense e coetâneo de Lucio Costa. A cidade natal sempre foi referência para o político¹¹ e, ao assumir o governo do estado, encomendou uma série de projetos para Diamantina ao arquiteto Oscar Niemeyer: a Sede Social do Diamantina Tênis Clube na Praça de Esportes; o Hotel de Turismo; o Grupo Escolar Júlia Kubitschek; a Faculdade de Odontologia e o aeroporto.¹² As demandas viabilizadas por Kubitschek representavam as convicções do processo modernizador de seu plano político aplicado a cidade onde havia nascido, pequena e distante como a maioria dos municípios brasileiros, mas que possuía uma história única, preservada pelo SPHAN (GONÇALVES, 2010, p.158). Para o Serviço, a aprovação e viabilização desses projetos representava que as medidas de proteção não restringiam, obrigatoriamente, o progresso. Intervenções eram possíveis, mas desde que respondessem ao que o Serviço – e Lucio Costa considerassem uma boa arquitetura. Um documento simbólico que

¹⁰ “Além da casa do Pe. Rolim, a DPHAN realizou em Diamantina a reconstrução do Mercado Municipal e do Colégio N. S./ das Dôres, das igrejas do Amparo, Mercês, Bomfim; a igreja de Sant’Ana do Inhai, no distrito do mesmo nome; e da casa Colonial n. 47, à rua Francisco Sá, que se destina ao futuro Museu de Diamantina”. In: VOZ DE DIAMANTINA. Diamantina: Semanário independente, registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda, ano 9, n. 25, 19 maio 1946, p.4.

¹¹ Cf. SIMÕES, Josanne Guerra. Sirênico Canto: Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

¹² O aeroporto não foi construído e existem ressalvas em relação a autoria do projeto da Faculdade de Odontologia. Cf. MACEDO, Danilo, A Matéria da Invenção: Criação e construção das obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais. 1938-1954, Dissertação de mestrado, Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

permeia essas questões é o ofício enviado por José Souza Reis com as atualizações das obras no conjunto.¹³ O informativo contém a anuência de Costa, que assina, em 21 de outubro de 1953, estar de acordo com as obras.

Conclusões

Recibo do Hotel Roberto, 1924. O documento é um papel amarelado com uma tabela de despesas manuscritas. O cabeçalho indica 'HOTEL ROBERTO DE Roberto Barbieri' e fornece detalhes sobre o local e as instalações. A data é 27 de Abril de 1924, assinada por Lucio Costa. A tabela registra gastos com jantar, quarto, diárias e refeições durante a estadia em maio.

Descrição	Valor
Jantar e Quarto	6,000
Buscões	800
28 Diária	8,000
29 " "	8,000
1ª. Leite	500
30 1ª. " "	500
Diária	8,000
Mais 1ª. " "	8,000
1ª. Leite	500
2ª. " "	500
Diária	8,000
3ª. " "	8,000
1ª. Leite	500
4ª. 1ª. " "	500
4ª. Diária	8,000
Total	65,000

Figura 4: Recibo do Hotel Roberto, 1924. Fonte: Acervo Casa de Lucio Costa

Os arquivos que relacionam Lucio Costa a Diamantina são amplos. Nos documentos institucionais relacionados à cidade, a postura adotada por Costa demonstra um lado mais objetivo, focado nos projetos do SPHAN no tecido histórico. Já nas entrevistas, Lucio Costa busca explicar o alumbramento causado pelo vilarejo também através de elementos arquitetônicos, enquanto as documentações pessoais têm um caráter sentimental, como é o caso das anotações no recibo do hotel (Figura 4) ou na carta enviada por sua irmã. Preservadas durante décadas pelo arquiteto, endossam os relatos enternecidos publicados posteriormente em depoimentos transcritos e,

¹³ REIS, José de Souza. Informação n.245 ao diretor, Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 19/10/1953. ACI/RJ-SO, Pasta 482, Cx. 106.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

principalmente, em *Registro de uma vivência*, livro de 1997, organizado e editado pelo próprio arquiteto com uma compilação de textos, memórias e desenhos.

Além do artigo “Diamantina” a cidade aparece uma outra vez no livro compilado por Costa. No texto “Ingredientes da concepção urbanística de Brasília”, anuncia que o antigo arraial foi um dos precedentes da capital: “3º - A pureza da distante Diamantina dos anos vinte marcou-me para sempre” (COSTA, 1997, p.282). O arquiteto cita alguns pontos: os eixos e as perspectivas de Paris, os grandes gramados ingleses, os terraplenos e arrimos chineses, as autoestradas e os viadutos americanos e – Diamantina. Ora, se no mesmo texto afirma que Brasília é uma concepção “original, nativa e brasileira” e o único elemento nacional na lista é a cidade mineira, pode-se inferir que ele “não apenas reforça a ideia da originalidade nativa, mas também a do gênio nacional, capaz de – com base em simples experiências perceptivas e de determinadas condições materiais, sociais e temporais locais – dar as respostas mais criativas e surpreendentes” (SCHLEE, 2009, p. 14).

Esses discursos, feitos quando já se sabia o alcance que teriam, afirmam a posição de Diamantina numa elaboração histórica e demonstram as convicções idealizadas em torno da cidade. Costa demonstra uma propensão de tornar-se “ideólogo de sua própria vida”, termo usado Bourdieu em *A ilusão biográfica*. O sociólogo francês ressalta que o relato autobiográfico se baseia em “extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva” que estabeleça relações inteligíveis entre os estados sucessivos na existência que está sendo narrada (BOURDIEU, 2006, p. 184). Ao selecionar acontecimentos significativos em sua origem e estabelecer entre eles conexões, instituindo-os como parte das causas de uma trajetória, a atitude do arquiteto pode ser vista por essa ótica. A ideia de trajetória por si só associa a narrativa com um *percurso* e, não por acaso, o livro organizado por Lucio Costa se chama *Registro de uma vivência* e coloca o texto sobre Diamantina em suas primeiras páginas, dando à cidade a conotação de início, e, com *Ingredientes da concepção urbanística de Brasília*, uma ideia de continuidade do arco que o arquiteto constrói para a sua história.

Referências

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006
- COSTA, Lucio. Considerações sobre o nosso gosto e estilo. A Noite, Rio de Janeiro, 18 jun. 1924.
- COSTA, Lucio. Lucio Costa: registro de uma vivência. 2a. ed São Paulo, SP: Empresa das Artes, 1997.
- COSTA, Lucio. Sobre o Patrimônio. Boletim do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC, 27 de fevereiro de 1992. In: NOBRE, 2010, p. 215.
- GONÇALVES, Cristiane Souza. Experimentações em Diamantina. Um estudo sobre a atuação do SPHAN no conjunto urbano tombado 1838-1967. Tese de Doutorado–FAUUSP, São Paulo: 2010.
- GUIMARAES, Cêça de. Lucio Costa: um certo arquiteto em incerto e secular roteiro. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1996. 115p.
- HESS, Erich. 1959. Apud GRIECO, Bettina Zellner. O fotógrafo Erich Joachim Hess. In: _____ (Org.). Entrevista com Erich Joachim Hess. Rio de Janeiro: IPHAN/ DAF/ Copedoc, 2013. (Memórias do Patrimônio, 3), p. 40
- LEONIDIO, Otavio. Carradas de razões: Lucio Costa e a arquitetura moderna brasileira (1924-1951). Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Editora da PUC-Rio: Loyola, 2007.
- MACEDO, Danilo, A Matéria da Invenção: Criação e construção das obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais. 1938-1954, Dissertação de mestrado, Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MARTINS, Marcos Lobato. Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX). Belo Horizonte: Fino Traço, 2014
- REGIANI, Luana Espig. Diamantina e o percurso da arquitetura moderna: Lucio Costa, Juscelino Kubitschek - e Oscar Niemeyer. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- RUBINO, Silvana. Lucio Costa e o patrimônio histórico e artístico nacional. Revista USP, São Paulo, n. 53, mar./maio. 2002.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SCHLEE, Rosenthal Andrey. Lucio Costa: o senhor da memória. In: [LEITÃO, F. (Org.)]. Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro. Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009.

SIMÕES, Josanne Guerra. Sirênico Canto: Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WISNIK, Guilherme. Plástica e anonimato: modernidade e tradição em Lucio Costa e Mário de Andrade. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2007, n.79, pp.169-193.